

Blumenau em Cadernos



TOMO XVII

Outubro de 1976

Nº. 10

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Artur Fouquet - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Felix Hauer - Curitiba
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Companhia Souza Cruz - Indústria e Comércio - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau

Blumenau

em Cadernos

TOMO XVII

OUTUBRO DE 1976

Nº. 10

PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO

por P. Raulino Reitz

Remonta há mais de 20 anos em autoridades governamentais e cientistas catarinenses a preocupação de preservar as áreas hoje abrangidas pelo Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Esta preocupação está evidenciada por dois Decretos presidenciais de 25/01/1952 declarando "remanescentes" ou "protetoras" as florestas pertencentes ao Estado de Santa Catarina situadas no Vale dos Rios Maciambu Grande, Maciambu Pequeno e no Vale do Rio Vargem do Braço, afluente do Rio Cubatão.

O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, criado pelo Decreto N/SETMA-1º-11-75/nº 1.260, teve sua área decretada de utilidade pública e interesse social para fins de desapropriação pelo Decreto N/SETMA-1º-11-75/nº 1.261. Ambos os decretos foram publicados no Diário Oficial de 7.11.75.

Argumentos de ordem física, ecológica, social e econômica, louvados nos setenta e um considerandos do Decreto de criação do Parque, evidenciam a excelência da vasta área de 900 quilômetros quadrados, ora protegidos, o que representa cerca de um por cento do território catarinense.

O conjunto orográfico dominado pela Serra do Tabuleiro, com 1.268 m de altura, abrangendo parte dos municípios de Paulo Lopes, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho e Imarui tem significativa importância para a região litorânea catarinense, pelos potenciais hídrico, geológico, florístico, faunístico, climático, arqueológico, paisagístico e turístico.

A área do Parque, com sua natureza quase totalmente preservada, representa um oásis entre os arredores, duramente lapidados pela exploração indiscriminada, causada pela ocupação humana da região da

Grande Florianópolis, no norte, e da região densamente povoada de Imbituba, Laguna e Imaruí, no sul.

Em conseqüência da topografia da área que abrange de um lado, a extensa baixada litorânea, desde o Rio Maciambu até o promontório da Gamboa, e do outro lado, o complexo montanhoso de até 1.268m de altura, contamos com todos os tipos importantes de vegetação presentes no Estado de Santa Catarina, a saber: a Restinga Litorânea, com seus campos beira mar; a Mata Pluvial Atlântica, rica em madeira de Lei (canela, peroba, cedro); a Mata de Araucária, dominada pelo pinheiro, única árvore em forma de taça; a Vegetação dos Campos, com pastagem natural para o gado, e a Matinha Nebular, composta de ervas e árvores pequenas, que povoam as cristas das serras normalmente cobertas de densa neblina denominada "tapume" pelo catarinense e "russo" pelo fluminense.

A equipe dos botânicos do "Herbário" Barbosa Rodrigues", de Itajaí, em levantamento fitogeográfico da área, tem encontrado aí verdadeiros fósseis vivos, como o *Equisetum giganteum* Linné, um dos últimos representantes de um dos grupos mais antigos de vegetais que povoa o mundo há 350 milhões de anos. De outro lado, encontrou-se uma série de espécies novas para a ciência, como a guabiobinha-do-campo, uma micro-orquídea e a avenca-de-cacho, e que demonstra o vigor da evolução vegetal.

Assim como a topografia diversificada condicionou uma flora variada, esta, por seu turno, abriga praticamente todas as espécies de animais e aves existentes no território catarinense. Na montanha é observada a presença de antas, bugiús, macacos, queixadas, tatetos, mão-peladas, pacas, quatis e outros animais-de-pelo menores. As aves aí são representadas por belos espécimes do urubu-rei, gavião-macaco, macuco, jacu, jacutinga, tucanos de diferentes tipos, papagaio, uru e muitos passarinhos.

Na baixada litorânea foram extintos a ema, o cervo-galheiro, a capivara, a cegonha brasileira, conhecida por João-grande, o pato arminho, o ganso capororoca, fauna das mais belas espécies, que se pretende reintroduzir na área, após a desocupação humana.

Na orla marítima e nas ilhas oceânicas, especialmente do Microarquipélago de Moleques do Sul, há nidificação de alcatrazes, mergulhões, gaivotas e uma série de outras aves marinhas e guaneiras.

A paisagem litorânea, com uma orla marítima caprichosamente emoldurada de praias retas ou circulares, com mais de uma dezena de ilhas, na maioria ainda em estado selvagem, não ocupadas pelo homem, com uma baixada composta de deltas internos de rios, lagoas, cordões de restinga, entremeados de brejos e manguesais, de dunas ativas e fixas, somam uma riqueza de aspectos geomorfológicos, hidrográficos, fitogeográficos e, numa paisagem de rara beleza dificilmente superada em outras plagas.

A montanha oferece um outro tipo de fisionomia ainda assim, muito atraente. A diversificação climática, desde o frio até aos temperado e quente, propiciarão opções para um turismo de serra, com abundância de água, sob a forma de rios, cascatas, piscinas naturais, onde, construídos mirantes em locais privilegiados, servidos por um sistema de estradas e aces-

tos bem conservados, descortinarão ao turista paisagens belíssimas da baixada litorânea e do oceano, povoado de ilhas, com destaque a Ilha de Santa Catarina onde se situa a aprazível Capital dos catarinenses.

Os amigos da Natureza serão fascinados por diferentes esportes na floresta, como caminhadas em picadas, escaladas de picos mais altos, observarão pelo binóculo do hábito de animais de pelo e de pena.

No zoneamento da ocupação das áreas do Parque, a ser delineado no PLANO DIRETOR, serão reservadas áreas que funcionarão como Estações Ecológicas, onde só cientistas e estudiosos da natureza poderão penetrar.

O sistema orográfico composto pelas serras do Cambirela, Tabuleiro e Capivari é de origem vulcânica, apresentam, por isso, um relevo de características especiais, com importantes picos desnudos, formadas por intenso fraturamento. Todo o conjunto montanhoso oferece ao observador ilhéu, a partir de Florianópolis, uma silhueta serrana totalmente diferente de qualquer outra, em Santa Catarina. O vulcanismo da área proporciona uma série de fontes hidro-termais e uma gama muito variada de minérios e tipos de rochas que, ultimamente, tem atraído as indústrias de rochas e minérios.

As serras do Parque, que se elevam abruptamente a mais de mil metros juntos ao mar, condicionam um clima com abundantes precipitações pluviométricas. O ar oceânico úmido e quente, forçado a subir o paredão montanhoso e esfriar, é transformado rapidamente em nuvens, que, quase diariamente, proporcionam fartas chuvas formadoras de uma riquíssima rede de cursos de água nas cabeceiras do Rio Cubatão e seus tributários, que abastecem com o precioso líquido a Grande Florianópolis, a Usina Termo-Elétrica Jorge Lacerda, da Eletrosul, pelas águas do Rio Capivari; e a Indústria Carboquímica Catarinense, em vias de instalação em Imbituba, a ser abastecida pelo Rio D'Una, que também nasce no Parque.

No curso normal da exploração dos recursos naturais e da ocupação humana, que até aqui foram normalmente indiscriminadas, seriam aos poucos delapidadas todas as riquezas a serem preservadas no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. É neste sentido que, na entrevista coletiva jornalística, dada no dia da criação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, o Excelentíssimo Senhor Secretário de Tecnologia e Meio Ambiente, Dr. Augusto Baptista Pereira, afirmou ser este "um passo de civilização".

O atual Governo do Estado de Santa Catarina olha para o futuro.

Para preservarmos a água, o solo, o clima, a flora, a fauna e a paisagem com que Deus nos privilegiou é necessário instituímos diplomas legais para condicionar e limitar em determinados lugares o uso da propriedade, do solo, da floresta, da água, etc. É o que determinam o Código de Minas, o Código de Águas, o Código Florestal, como o regulamento que protege os sítios arqueológicos, leis que todos deverão observar, mesmo como donos de terras.

A função do decreto de Criação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro deverá cessar toda e qualquer exploração dos recursos naturais. Neste sentido, findarão as atividades de corte de madeira, as noventa

serrarias que ali se abasteciam, não sendo aprovados cerca de setenta pedidos de pesquisas de minérios, já requeridos ao Departamento Nacional de Produção Mineral, nem passará no parque, a BR-475 que ligará Lages a Tubarão, segundo uma das alternativas do projeto, nem tão pouco serão construídas aí as estradas estaduais projetadas. São créditos auferidos pelo Decreto de criação do Parque, mesmo antes de sua implantação, em favor das futuras gerações de Santa Catarina.

Muito mais que o lucro imediato dos atuais proprietários, pela exploração desses recursos vegetais e minerais valem:

- O fluxo perene de águas abundantes e de boa qualidade garantidoras de saúde de inúmeras gerações;
- o suprimento de águas às indústrias e projetos agro-pecuários da vizinhança;
- a perenidade das espécies, vegetais e animais;
- a garantia de árvores matrizes porta-sementes (germoplasma) para a produção de mudas de árvores nativas em favor de projetos de reflorestamento;
- um campo de pesquisa para nossos centros educacionais, laboratórios, herbários e museus;
- estoque permanente de material para as pesquisas, em biologia, de doenças e mutações das espécies de animais ou vegetais e de indicadores de poluição;
- as múltiplas possibilidades, em relação ao lazer e turismo, facultando à população uma convivência sadia do homem com a natureza;
- a preservação da bela paisagem catarinense em locais excepcionalmente dotados pela natureza;
- a manutenção do ecossistema em benefício da ecologia e cultura catarinense.

O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, criado pelo Excelentíssimo Senhor Governador Antônio Carlos Konder Reis, será, no Brasil sempre o GRANDE PARQUE, por reunir, como nenhum outro, um conjunto extraordinário de potenciais hídrico, geológico, florístico, faunístico, climático, arqueológico, histórico, paisagístico, turístico e cultural.

NOTA DE FALECIMENTO

CARLOS GAERTNER SOBRINHO

Com grande pesar de nossa parte, recebemos a infausta notícia do falecimento, em 24 de julho, em Rio das Antas, do nosso prezado e muito festejado colaborador, Senhor Carlos Gaertner Sobrinho, que há longo tempo vinha colaborando em nossa revista com magistras artigos, muito apreciados pelos nossos leitores.

Infelizmente, não tivemos oportunidade de conhece-lo pessoalmente, esperando sempre a sua prometida visita a nossa redação, para o nosso abraço de amizade e consideração.

À família enlutada enviamos pezarosos, os nossos mais sentidos pezames.

Documento do Professor da Escola de Rio dos Cedros

GIUSEPPE ZANLUCA

(Adaptação e tradução do italiano pelo P. Victor Vicenzi, em homenagem ao Centenário da Imigração Italiana, 1875 - 1975).

Giuseppe Zanluca, através de uma carta datada em 14 de abril de 1900, escrita em Rio dos Cedros, informava o Dr. Giovanni Rossi, Diretor da Estação Agronômica, também de Rio dos Cedros, sobre diversos assuntos que ele lhe havia solicitado em comemoração ao 50º da fundação de Blumenau.

O documento traduz muito bem a cultura das populações de origem italiana daquela época, mas que para o nosso caso, apresentaremos apenas algumas passagens, fatos e informações mais úteis de momento.

Diz Giuseppe Zanluca: "No dia 25 de novembro de 1880, coloquei pela primeira vez o pé em Blumenau, pensando que fosse uma verdadeira cidade povoada, ou ao menos uma vila importante. Mas não foi assim. Na praça de Blumenau encontrei somente 8 casas. Onde fica a Casa Salinger, apenas existia barracões de tábuas para abrigar os imigrantes que vinham da Europa e nada mais.

O resto de Blumenau, especialmente na localidade de São Paulo, era ainda mata virgem.

Não havia estradas, nem para cima e nem para baixo do rio Itajaí, como também nos seus afluentes. As estradas foram abertas desde o momento que começou a influência dos imigrantes na sua maioria italianos e tirolezes, austríacos e prussianos, que durante seis anos vinham chegando da Europa, desde 1875.

Quanto aos outros assuntos de que V. S^a. me pediu informá-lo, a respeito da abertura de novas estradas, de colonização, de cultura agrícola, de sementes, geografia, topografia, civilização, etc., achei conveniente calar-me em vista de que seus relatórios demonstram perfeitamente bem os conhecimentos que tem sobre aqueles problemas.

A minha ocupação que sempre me dominou, foi aquela da instrução moral e cívica. Gosto muito da profissão do ensino. No entanto, apesar dos meus esforços e amor à profissão a que

me dedicava de alma e corpo, para que o povo tivesse real conhecimento do interesse público e particular do progresso, que nasce da cultura e da ciência, não obtive resultados satisfatórios, a não ser invejas, murmurações, críticas e calúnias.

Desta forma, depois de 13 anos de inúteis esforços, retirei-me à vida particular, em companhia de minha família, para São Pedrinho Velho. Aí dediquei-me à lavoura e por ser a terra muito fértil, obtive bons recursos financeiros com os quais me foi possível fazer frente às despesas da família e proporcionar a ela melhores meios de subsistência, o que antes não consegui no magistério do ensino.

Como no lugar houvesse muita pedra de amolar, dediquei-me também à fabricação manual desse tipo de indústria, cujas mós vendia a bons preços a tal ponto, que em três anos, consegui uma posição independente. Assim me foi possível, então, comprar três vacas de leite, alguns porcos, galinhas, roupas e utensílios necessários para a família.

No entanto, apesar da solidão onde morava, a sorte não me protegeu. Foi na manhã do dia 10 de janeiro de 1899. A noite precedente fora tão quente, a tal ponto de não ter sido possível dormir. Nessa noite de insônia, a mim e minha esposa, pareceu-nos ter visto e ouvido pessoas que rondavam a nossa casa. Julgando, porém, ser ilusão de nossa parte, não lhe demos a mínima importância.

Pela manhã, eu e meu irmão Ângelo, fomos ao serviço como de costume, distante cerca de 400 metros de casa. Pelas 8h30 min voltamos para casa com o fim de fazer a refeição matinal. Retornamos em seguida, ao trabalho, sem nada suspeitar. Mas eis que pelas 10h minha esposa com uma criança nos braços e outra arrastando-a pela estrada a fora, corria gritando desesperada em nossa direção pedindo por socorro e dizendo: Os bugres invadiram a nossa casa e correram atrás de mim para me matar. Recebi uma paulada nas costas e feriram também a menina. De fato, do lugar onde estávamos, vimos 3 índios na soleira da nossa casa, que dançavam e vigiavam de arcos e flechas nas mãos, enquanto os outros estavam depredando tudo o que lá dentro havia.

Como não tinha arma, corri ao vizinho, que me emprestou uma espingarda; mas enquanto isso, os índios já tinham fugido, levando tudo o que tínhamos em casa e nós ficamos somente com a roupa do corpo. No local encontramos 11 flechas que

certamente foram atiradas para matar minha esposa, sem porém, consegui-lo. Uma delas arrancou-lhe o lenço da cabeça e um pouco de cabelos, indo se fincar num jacarandá.

Os índios atacaram pela frente da casa, por isso minha esposa com as duas crianças, pôde fugir pelos fundos, e apesar de ser perseguida, conseguiu se salvar, voltando para trás quando eles perceberam que nos arredores havia gente que vinha socorrê-la.

Aqueles índios eram os "Coroados", de baixa estatura e gordos. A cor do tipo americano, caminhavam aos pulos com o corpo recurvado como as rãs, emitindo voz rouquenha e selvagem. Possuíam nas pernas uma atadura, que se enxergava mesmo de longe. Era esse um costume daqueles selvagens amarrar estreitamente, daquela forma, desde crianças, as pernas logo acima do tornozelo, para amortecer os pés e assim evitar as pontadas dos espinhos ou as picadas das cobras. Estavam completamente nus.

Pouco depois, desses acontecimentos, faleceu a minha filhinha menor e o infortúnio caiu novamente sobre mim. Voltaram novamente as dificuldades que impediam manter com certo conforto a minha família. Foi assim neste estado de infortúnio, que nova luz se acendeu diante de mim. A escola do "Cedro" estava precisando de um professor. Fui convidado para assumir então aquela escola, onde me encontro até agora passando melhor, embora sem grandes recursos. Estou contente e o povo reconhece meu trabalho.

Antes de terminar, desejo esclarecer a V.S^a. que os primeiros imigrantes italianos chegaram aqui a esta colônia de Rio dos Cedros, vindos da Itália em 1875, entre os meses de abril e dezembro, ao contrário do que está publicado no "Urwaldsbote", onde se afirma erroneamente ou por esquecimento, que teria sido em 1877.

Apresentando ao senhor como retribuição da estima que cada um deveria ter pelo bem público que realiza em favor do povo e a mim em particular, meus préstimos, saúde e felicidades subscrevo-me

De V. S^a.

Giuseppe Zanluca

Maestro di Scuola del Cedro

Associação Comercial de Blumenau completa 75 anos

FREDERICO KILIAN

Há tempos atrás o meu especial amigo *Federico Carlos Allende*, que com um altruísmo sem par e reconhecida capacidade e eficiência vem dirigindo a FUNDAÇÃO "CASA DOUTOR BLUMENAU", me perguntava si eu podia lhe informar em que época fora fundada a *Associação Comercial de Blumenau*, pois os antigos livros de atas desta haviam desaparecido do arquivo da mesma, não sendo possível constatar a data de sua fundação, nem os nomes dos sócios fundadores, todos já falecidos.

Respondi-lhe então, em tom de gracejo, que essa associação deveria ter mais ou menos a minha idade, prometendo-lhe a pesquisar a questão oportunamente.

Lembrei-me então que no arquivo da "Casa Doutor Blumenau" existe uma coleção dos jornais locais editados desde o início deste século e nos quais certamente haveria alguma notícia referente à atividade da Associação Comercial, sabido como é, que a mesma teve decisiva participação no desenvolvimento econômico não só desta cidade, como de todo o Vale do Itajaí, que até o ano de 1930, formava o Município de Blumenau.

Encafurnando-me certo dia entre aquelas altas estantes do arquivo da "Casa Dr. Blumenau" comecei a vasculhar os antigos exemplares do jornal "*Der Urwaldsbote*" e do "*Blumenauer Zeitung*", a começar do ano de 1900, à cata de alguma referência à Associação Comercial ou anúncio de reuniões desta. Devo dizer que foi um serviço muito lento e demorado, pois como um verdadeiro bibliomaniaco, não me limitei apenas a passar com o dedo indicador sobre os diferentes títulos e as manchetes do jornal, à procura da epígrafe desejada, mas desviava a minha atenção também para outras notícias interessantes ou pitorescas daquela época que encontrava em cada número dos referidos jornais, lendo-as com atenção e não contendo muitas vezes um íntimo sorriso ante as polêmicas e lutas políticas travadas entre aqueles dois semanários editados em nossa cidade, uma vez que nos primeiros anos deste século dois grupos políticos se debatiam pelo domínio político do município e sua administração, bem como para demonstrar sua influência junto ao eleitorado e opinião pública desta região perante o Governo do Estado e a direção do partido ao qual cada um deles pertencia, medindo suas forças nas seis eleições realizadas nestes dois anos, isto é de 1900 a 1902. Sobre este assunto voltaremos numa outra oportunidade. Com isso e com diversos apontamentos que ia tomando sobre outras ocorrências consignadas na rubrica - Notícias locais - que considerava digno de anotações, perdi bastante tempo, mas valeu a pena, pois me dá oportunidade para aproveitá-las para futuros trabalhos de colaboração para "Blumenau em Cadernos".

Afinal, neste trabalho de pesquisa, manuseando aquelas velhas edições dos jornais locais, vi minha perseverança coroada de êxito, en-

contrando no Nº 19 do "Der Urwaldsbote" de 9 de novembro de 1901, uma nota referente à fundação da Associação Comercial da qual transcrevo, traduzido para o vernáculo, já que o jornal era publicado no idioma alemão, o seguinte trecho:

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL. A reunião dos comerciantes locais convocada para o dia 5 deste mês, para a fundação de uma associação comercial, esteve muito concorrida, a ela comparecendo nada menos do que 31 chefes de firmas ou seus representantes. Após a explanação inicial do senhor Cônsul Salinger, sobre a finalidade da reunião, converteu-se esta em Assembléia constituinte da Associação Comercial do Vale do Itajai. Para seu Presidente foi eleito o senhor Gustav Salinger.

No mesmo jornal "Der Urwaldsbote" edição Nº 20, de 16 de Novembro de 1901, encontrei então a publicação da ata da fundação, assim redigida:

Blumenau, em 5 de Novembro de 1901, no Salão Gross.
Assembléia constituinte da Associação Comercial do Vale do Itajai. Presentes 32 senhores, industriais e comerciantes.
O Presidente provisório, senhor Gustav Salinger, abriu a reunião e expôs em breves palavras, num relance geral, os fins e as metas da associação.

Ao primeiro ponto da Ordem do Dia - Fundação de uma Associação Comercial - o senhor Scheeffler sugeriu que seria melhor, fazer-se primeiramente a leitura dos estatutos. O Presidente aceitou a sugestão e leu os estatutos. Após a leitura dos estatutos e o debate destes, parágrafo por parágrafo, o senhor Feddersen propôs, fossem os mesmos aprovados na forma em que foram lidos; o senhor Altenburg propôs, porém, que antes deveria ser fixada a contribuição anual, para que cada um dos senhores presentes ficasse sabendo quais os compromissos teriam os eventuais sócios.

A proposta foi aceita e em seguida foi fixada, por enquanto, em 1 milréis a contribuição mensal; independente disso, será aberta uma lista de subscrição para fazer face às primeiras despesas; tão logo a Caixa o permitir, estes adiantamentos serão restituídos aos respectivos contribuintes. Em seguida os estatutos passaram de mãos em mãos entre os presentes para a assinatura; 31 senhores assinaram os estatutos, entrando assim na associação que desta forma foi declarada constituída.

A seguir procedeu-se à eleição da Diretoria; foram eleitos: como Presidente, o senhor Gustav Salinger, com 26 votos; para Vice-Presidente, o senhor Blohm, com 21 votos; para 1º Secretário, o senhor F. Specht, com 23 votos; para 2º Secretário, o senhor Wilh. Nienstedt, com 24 votos; para Tesoureiro, o senhor Louis Altenburg, com 27 votos e para Assessores, foram eleitos os senhores Bruno Hering e Wilhelm Scheeffler. Por proposta do senhor Gustav Salinger foi resolvido realizar todas as terças-feiras, às 10 horas da manhã, uma reunião dos sócios da associação comercial; da mesma forma resolveu-se por um livro na sede, para nele serem registradas todas as queixas ou propostas dos senhores sócios. Foi ainda resolvido que a

Diretoria entrasse em contato com a Diretoria do "Cultur-Verein", para fixar uma data, para uma reunião pública, na qual será participado à toda a colônia, quais as medidas que a Associação Comercial tomará para contribuir à atenuação da crise econômica.

Lido, Aprovado e assinado.

Blumenau, em 5 de Novembro de 1901.

Este o texto da ata de fundação da Associação Comercial do Vale do Itajaí - hoje Associação Comercial e Industrial de Blumenau.

Infelizmente da publicação desta ata, não constam os nomes dos 31 fundadores da Associação Comercial que a 5 de novembro do corrente ano poderá festejar os 75 anos de sua existência.

Proseguindo em minhas pesquisas, encontrei no jornal "Der Urwaldsbote" N^o 21 do dia 23 de novembro de 1901, um anúncio do "Cultur-Verein" convocando para o dia 8 de Dezembro às 9 horas uma Reunião popular, no salão Paupitz em Passo Manso, constando da ordem do dia, entre outros pontos, como primeiro assunto o relatório da diretoria da Associação Comercial sobre a área de atividade desta associação e a sua cooperação com os colonos de Blumenau.

Efetivamente tal reunião se realizou na data, hora e local aprazados, conforme se vê da respectiva ata publicada no mesmo jornal em suas edições n^{os} 24 e 25, dos dias 14 e 21 de dezembro de 1901, respectivamente, da qual transcrevemos os seguintes tópicos:

Ata da reunião popular realizada no dia 8 de dezembro no Salão Paupitz.

A reunião, convocada pelo "Cultur-Verein" foi aberta pelo senhor Friedrich Specht, presidente da mencionada sociedade que também assumiu a presidência da reunião. Como convidados achavam-se presentes o senhor Bruns, representante da associação congênere de Brusque e o senhor Meyer, assistente da escola alemã colonial (Palmenhof-Harmonia). Presente também o senhor Dr. Rossi, diretor da Estação Experimental Agropecuária do Rio dos Cedros. O presidente declarou que a reunião tinha por finalidade manter um diálogo franco entre os colonos e a organização da classe comercial, sobre a situação econômica do nosso Município, bem como as necessárias reformas econômicas, concedendo a palavra ao senhor cônsul Salinger para fazer o relato referente à Associação Comercial, fundada a 5 de Novembro. Ressaltou o senhor Salinger, que 34 firmas já entraram para a Associação Comercial. Tanto por parte de comerciantes como por parte dos colonos encontrou-se certa desconfiança. Isso sem razão. O receio de que os comerciantes se haviam unidos para reduzir os preços dos produtos fornecidos pelos colonos, não tem razão de ser. Uma das metas principais da associação é a elevação e apuração do comércio. Além disso a associação propugnará por uma diminuição das despesas comerciais (frete, aduana) bem como o barateamento do seguro marítimo e procurará conseguir melhores serviços de carreiras de vapores para os locais de consumo. Tudo isto são coisas que uma firma, isoladamente, não pode conseguir. Se porém, nossa associação conseguir maior exportação com menores despesas, o comércio também poderá pagar melhores preços aos produtores. O senhor Blohm relatou como no Rio Grande do Sul conseguiram, mediante a

união de todos, obter fretes mais baratos. Dest'arte, um saco de milho custa do Rio Grande até o Rio de Janeiro, 700 réis de frete, enquanto que de Itajaí ou Laguna tem que se pagar 1\$500 de frete por saco. O senhor Mische pediu informações de que modo a associação comercial pretende obter uma melhoria com relação às comunicações marítimas, se ela pretende adquirir um vapor próprio, ao que o senhor Salinger respondeu que talvez mais tarde se poderia pensar nisso; por enquanto, porém, teríamos que nos contentar em realizar contratos firmes com as empresas de navegação já existentes para assegurar, pelo menos, um serviço regular de transportes.

Os demais assuntos que nos outros pontos da ordem do dia foram debatidos naquela reunião (aquisição de touros reprodutores, vacinação do gado e suínos, fundação de uma cooperativa de laticínios, etc.) não diziam mais respeito, diretamente, à iniciativa ou participação da associação comercial, porém a diretoria desta continuou a tomar parte da reunião e seus debates, afirmando o senhor Blohm, a certa altura, que ambos, - colonos e comerciantes - tinham o interesse comum na apresentação de bons produtos, os quais conseguirão melhores preços nas praças consumidoras, favorecendo assim, tanto o comerciante como o colono que obteriam maiores lucros pela mercadoria. No mesmo sentido se externou o senhor Feddersen, declarando que, uma vez conquistado o mercado, com a apresentação de produtos de ótima qualidade, não havia motivo para recear a concorrência norte americana. Referiu-se ainda à fundação de uma cooperativa na industrialização de laticínios, que se achava em caloroso debate entre os presentes, disse que a elevação da situação econômica do colono vinha também em proveito do comerciante como intermediário entre o produtor e o consumidor. O principal, porém, seria conseguir colocar o comerciante na situação de poder pagar em dinheiro os produtos trazidos pelo colono, para acabar, de uma vez por todas, o pernicioso sistema, arruinante para ambas as partes, do comércio de escambo, que exclui a possibilidade de poupança e de prosperidade. A troca dos produtos coloniais por mercadorias de consumo, é um mal que trava todo o progresso e estagna o desenvolvimento da colônia.

Vê-se, pois, pelos debates havidos que tanto a classe dos comerciantes como os agricultores se esforçavam, para em ação comum e recíproca, dar bases seguras ao desenvolvimento econômico desta região.

E graças a esta orientação dada pelos dirigentes e componentes da Associação Comercial, em todos estes anos de sua existência, é que Blumenau conquistou o lugar de destaque no mercado consumidor no país e no exterior, ou seja o lema - oferecer produtos de primeira qualidade - PRODUTOS DE BLUMENAU, que são e sempre foram, os preferidos pelos consumidores, sejam eles oriundos da agropecuária ou das variadas indústrias de Blumenau.

E foi assim que a Associação Comercial de Blumenau, pela atuação de seus membros, isentos de quaisquer paixões políticas ou interesses pessoais, se constituiu num baluarte em defesa dos interesses de todos os blumenauenses.

O CLIMA DO VALE DO ITAJAÍ

A. SEIXAS NETTO

- I -

Não há, realmente, até a presente data, ao que saiba o autor, estudos específicos dos cinco grandes CLIMAS REGIONAIS catarinenses, buscando um relativo conhecimento dos diferentes comportamentos da baixa Atmosfera nessas áreas geológicas. Estudos deste tipo, embasados em linhas astrofísicas e geoatmosféricas, levariam, por certo, como pretende o autor e nisto pesquisa há muitos anos, à anotação de regras básicas de controle da Baixa Atmosfera e, mesmo, até de prevenção dos comportamentos regionais ou locais. Em nosso livro GEOECOLOGIA ATMOSFÉRICA estão anotadas essas regras, de modo geral, e no livro REGIMENTO DA ATMOSFERA, as leis descobertas pelo autor e outros pesquisadores no curso de 400 anos, para um trabalho de previsão dos comportamentos a prazo dilatado.(1)

“O Vale do Itajaí é a maior Vala de Inundação do sul brasileiro e tem, atualmente, como escoadouro central o Rio Itajaí-Açu, que coleta água de toda a rede hidrológica contornada pela Serra do Tijucas ao Sul, seguindo-se a Serra dos Faxinais, o Chapadão dos bugres: Serra Geral a Oeste; Serra de Jaraguá, ao Norte. E, ainda, os “divortium acquario” que interligam os pontos principais deste anel orográfico. (Em tempos muito longínquos, este anel orográfico era a orla de extensa baía, hoje várzea de inundação e futuramente terra fixada).”(2)

É sobre este Anel Orográfico muito distinto, com a média hipsométrica de 400 metros, que paira o Clima Regional do Vale do Itajaí, na parte inferior da Baixa Atmosfera, e que modula todos os comportamentos-meteoros locais. Pela primeira vez se estuda um Clima Regional, em todo o mundo, partindo dos parâmetros principais: O Astrofísico e o Geoatmosférico. Nosso trabalho já incluiu todos os Climas Regionais do Estado de

1 - O livro *GEOECOLOGIA ATMOSFÉRICA* foi publicado em Capítulos por esta Revista, no ano de 1975. O *REGIMENTO DA ATMOSFERA*, do autor, ainda não foi publicado, a não ser capítulos esparsos.

2 - Do autor, *AS ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ*, pag. 4-Edição 15 de 1975, Edição da Fundação “Casa Dr. Blumenau”.

Santa Catarina, estando, assim, pronto um estudo geral denominado GEOMETEOROLOGIA CATARINENSE.

- II -

A ATMOSFERA NO VALE DO ITAJAÍ

O Vale do Itajaí, como vimos, se situa dentro dum anel de Serras com encosto, a Leste, no Oceano Atlântico; dentro deste anel, há parte de superfície até alguns centímetros abaixo do nível médio do mar. De modo geral, o Vale do Itajaí fica dentro duma cuba de montanhas com média de 400 metros de altura; e, dentro desta cuba, permanece a Atmosfera local, formando especificamente o seu Clima Regional de Baixa Altura, de características especiais e determinantes muito diferenciadas, em alguns aspectos, dos demais quatro outros Climas Regionais do Estado.

O Clima Regional do Vale do Itajaí, atualmente, compõe-se, perfeitamente distinguível à observação por sensibilidade biológica ou à observação por instrumental⁽⁵⁾, de três secções, na direção norte-sul, dando a cada uma delas uma quase função de sub-clima: A LITORÂNEA, desde a linha do Oceano Atlântico até a linha norte-sul traçada sobre a cidade de Ilhota; a CENTRAL demarcada desde a linha de Ilhota até aquela traçada no rumo norte-sul sobre a cidade de Timbó; a de OESTE, desde a linha Timbó até os contrafortes da Serra Geral. Cada um desses três sub-climas está, como se observa, no correr do tempo e da mutação do FACIES sobre superfície, tornando-se bem distinto e até mesmo com alguma atuação sobre o Clima Regional. Por isto, antes de apreciar o todo, daremos uma visão sobre cada secção sub-climática.

1) A Secção Litorânea

A Secção litorânea, -(entre a linha norte-sul passando sobre Ilhota e a linha de litoral atlântico)-, sofre ampla modulação da Baixa Atmosfera sobre o mar, sendo a área sempre movimentada por ventos, -de maior incidência do Norte-, com umidade relativa média de $80\frac{0}{0}$, - (exceto nos momentos de super saturação, provocada por deslocamento de linhas chuvosas)-, e

5 - Estes dois métodos são os utilizados pelo Autor em seus trabalhos porque, sendo os dois concordantes nos elementos fornecidos, as conclusões chegam ao 100% de exatidão.

temperatura média de 20º oscilando no correr de 24 horas entre os limites de 16º e 28º em Atmosfera STANDARD. Nesta secção há grande percentual de sais marinhos em suspensão além de partículas de poeira, - (para a cidade de Itajaí, uma média de 10 partículas de pó de cimento por centímetro quadrado), - dando, para a secção, um mínimo de lixo na Atmosfera, que é facilmente limpa pelo nevoeiro baixo e pelas chuvas. Neste particular, na área, a Atmosfera fica completamente limpa até 70 horas após qualquer chuva que seja superior a 30 gramas de água por metro quadrado.(4)

O ar frio, das Massas Frias, penetra nessa Secção pelo CANALETE entre a Serra do Itajaí e a do Tijucas, desparando-se pelo litoral onde se junta com o deslocamento pelo mar. Atualmente, devido aos desmatamentos de florestas litorâneas nativas, o ar frio se desloca em maior velocidade, não sofrendo os acúmulos que, há 30 anos, provocavam, no inverno, intensas geadas, meteoro de que a secção estará completamente livre até 1980.(5)

2) A Secção Central

Na secção central, temos o ponto mais quente do Estado de Santa Catarina, durante o período de Verão, que é a cidade de Blumenau, onde há, pode-se, efetivamente, dizer, um clima típico local citadino. Na secção central, já apresenta poluição de partículas carbônicas e poeira apreciável, na razão de 16 por centímetro quadrado a determinados instantes. Nesta secção, a Baixa Atmosfera é muito úmida, a média de 88% na insolação, devido a bacia hidrológica ser um contínuo campo de evaporação, o que transforma a área central em matriz, típica de nuvem cumulus-nimbus altamente eletrificada pelo movimento cinético das moléculas de vapor d'água, o que, pelo rápido movimento ascensional, provoca um abaixamento de pressão, e um alevantamento de temperatura apreciável entre 11 horas da manhã às 20 horas à noite, no Verão, com trovoadas típicas constantes e pequenos temporais. No inverno, a temperatura pode descer a índice médio de 06º no ponto mínimo, pelo ar frio que se desloca pela Calha Central da Bacia, desde a encosta da Serra Geral.

4 - O autor coleta o LIXO na Atmosfera com a TELA-ROTANTE, de sua invenção, e a medida de coleta de chuva é por grama/metro quadrado, para o ponto da pesquisa.

5 - Um estudo de Temperatura Anual é feito à parte para cada Secção, para uma lâboa comparativa, futuramente.

3) A Secção Oeste

O sub-clima ou secção Oeste é, por sua situação no encostamento da Serra Geral, instável em características porque reflete o deslocamento isobárico do Planalto. No inverno, diversos pontos entre as cubas de serras podem alcançar até 04 negativos.⁽⁶⁾

Esta secção, futuramente, se houver oportunidade, merecerá estudo mais minucioso. A quantidade de LIXO na Baixa Atmosfera, -(que comumente dizem poluição)-, é mínima, desprezível mesmo, apesar de não ter sido feita uma medição por coleta em TELA-ROTANTE.

III - O CLIMA TOTAL DA ÁREA

Visto que foi o seccionamento, faremos agora o estudo global da área, que oferece um valor médio geral.

Os QUADROS, a seguir, são a síntese de QUADROS mais amplos e minuciosos, tomados sobre um PONTO-MATRIZ. Aqui cabe esclarecer que este PONTO-MATRIZ é o local onde são feitas as medidas, e donde se pode concluir que os valores são locais deste ponto e não para todo o Clima. O autor dá como válida absoluta a medida até 10 metros de raio em torno da estação de observação.⁽⁷⁾ Assim, é bom que se saiba uma verdade puramente científica: Quando é emitido um boletim meteoro que diz, por exemplo: TEMPERATURA EM BLUMENAU 26°, isto só tem significado no ponto da Estação Observadora, porque a temperatura, no momento, em lugares ao derredor, pode ser mais alta ou mais baixa. Logo, toda temperatura dada, para uma cidade, é teórica, para além de dez metros de raio de qualquer estação.

MÉDIA DA MÁXIMA TEMPERATURA NA INSOLAÇÃO NO VERÃO 1972-76	
(de 23 de novembro a 21 de fevereiro de 1972 - Centro-Blumenau)	
Instrumento isolado do vento	39.5°
Instrumento no vento	31.2°
Instrumento na sombra	27.8°
Incremento de irradiação térmica da cidade	2.1° (8)
Média efetiva abstraída a irradiação térmica local 30.7°	
Média à sombra abstraída a irradiação local 25.7°	

6 - Ver o relativo ao fenômeno "EFEITO DE CONGELADOR", indicado pelo Autor em 1975 e 1976, em notas no "Jornal de Santa Catarina".

7 - O autor faz suas medidas com uma estação portátil, instrumental simples, cujos elementos são lidos de 50 em 50 m, durante 12 hs de insolação ou 12 hs de chuva continuada. Um trabalho de difícil execução, portanto, que exige dedicação plena.

8 - A irradiação térmica é o calor emitido por prédios de concreto e asfalto ou pedra.

Para o mesmo período, em 1973, 1974, 1975, 1976, houve variação entre 0.5º e 0.8º, para mais ou menos, na máxima insolação, tendo o índice de irradiação da cidade subido progressivamente até 0.6º, o que revela que houve aumento de PONTOS IRRADIANTES (construções, etc.).

Foram realizadas, em 1975, uma observação em Rio do Sul e outra em Itajai, para ponto de análise comparativa posterior, revelando, entretanto que a insolação ocorre em Rio do Sul com valor 2.1º mais baixo que Blumenau e em Itajaí com 4.5º mais baixo. Logo, o centro térmico do Clima Regional do Vale do Itajaí está em Blumenau quanto ao máximo; e quanto ao mínimo, no Inverno, ocorre no triângulo Rio do Campo-Salete-Taió que durante o fenômeno de EFEITO DE CONGELADOR, ocorrido entre os dias indicados a seguir, apresentou:

1975		1976	
16 julho	- 4.1º (- -)	8 julho	- 3.1º (- -)
17 julho	- 4.9º	9 julho	- 4.4º
		10 julho	- 3.8º (- -)

Nota: O Autor fez as medidas às 06,00 hs. da manhã, em passagem por Santo Antônio, entre Taió e Salete, em 17 de julho de 75 e 9 de julho de 76, nos dois casos regressando a Agrônômica e seguindo, via Trombudo, a Lages, para observar o "EFEITO CONGELADOR".

Os valores indicados (-|-) são por aproximação calculada sobre o curso do fenômeno. As outras medidas são instrumentais.

Situado no Anel de montanhas indicado, o Clima tem, nas 2ª e 3ª secções, pequenos ventos locais, decorrentes de Pressões Atmosféricas no local; e periodicamente, no curso de massas polares sôbre a região, vento de queda do Planalto, o que não ocorre na 1ª secção que é varrida pelos ventos gerais de sul e norte litorâneos, donde estes ventos determinados serem quase que desconhecidos naquelas áreas. De modo geral, o Clima todo é muito úmido, alcança do seu máximo no Verão, por estar locado numa várzea de inundação caracterizada na bacia hidrológica do Itajaí, o que dá à superfície geológica grande fertilidade devido o constante movimento humoso. Há, também, uma característica importante a observar: Os pequenos temporais locais da Primavera ao Outono, com o máximo de ocorrência no Verão, sempre no período de formação dos Cumuluminbus locais até sua eclosão final entre 16,00 e 21,00 hs. Quanto ao problema das cheias do Rio Central e seus grandes manadouros, o assunto

foi estudado no trabalho AS ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ, publicação nº 13 da Fundação "Casa Dr. Blumenau" em 1975, em separata da Revista "Blumenau em Cadernos".

IV - Um Típico Canal de Ar Frio

Cumprir observar um comportamento muito notável dentro deste Clima. Como o Rio Itajaí-Mirim corre entre as serras do Itajaí e Tijucas, forma um típico RIO DE AR FRIO, no Inverno, por onde corre o ar das massas frias, descidas da Serra Geral por transbordo do Planalto, levando, deste modo, em determinados períodos, pesadas massas de ar que, depois, se espalham por toda a linha do litoral, podendo produzir, em consequência, geosidades apreciáveis no polígono Itajaí-Gaspar-Luiz Alves-Barra-Velha. Essas geosidades, que eram intensas até 1960, estão quase que desaparecendo, devido as áreas densamente construídas na linha do litoral, com um já notável poder irradiante-térmico, -média anual de 3.1º-, que se interpenetra no ar frio, aumentando o seu índice de calor. Futuramente, esses derramamentos frios absorverão mais calor e desaparecerão de todos os comportamentos de geosidades.

V - Modificações Climáticas Futuras

Com a construção de Barragens nos diferentes manadouros da Bacia do Itajaí, surgirão lagos, ou massas de água inercial, de grande amplitude, formando como que enormes ESPELHOS refletores da radiação solar, o que levará a uma típica mutação climática que será a da formação de menos Cumulus-Nimbus tempestuosos na área, e um decréscimo de 2 a 4 graus na atmosfera baixa nestes setores, amenizando o clima circundante. Devido a evaporação mais ampla, aumentará o campo e a densidade óptica das neblinas matinais e, por fim, as tempestades locais de verão diminuirão de ocorrência em valores bastante perceptíveis. Entretanto, deverá ser observado, no futuro, que as povoações e cidades dentro de cuba montanhosa, isto é cercada de morros altos, superior a 150 metros, terão um clima local mais abafado, mais úmido e, conseqüentemente, mais quente nos instantes de máxima insolação. Outras mutações serão lentamente observadas como a diminuição de campos elétricos nas núvens, o que dará rareamento de trovoadas e períodos diários de Céu claro, sem nuvens baixas maiores.

Estas as linhas gerais para futuras referências em estudos de Climatologia local no Clima Regional do Vale do Itajaí.

Aconteceu em Brusque, há 100 anos - 1876

AYRES GEVAERD

JANEIRO - O colono francês Louis Michel envia ao Presidente da Província longa carta, em francês, apresentando queixa contra o Diretor interino das Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro, Maximiliano Borrowsky. A carta relata interessantes aspectos da vida colonial e das vicissitudes de muitos colonos antes de se integrarem em seus lotes e atividades.

A 4 do mesmo mês, Borrowsky rebate as acusações, em carta também dirigida ao Presidente da Província. A carta de Louis Armand Afonso Michel, encontra-se nos arquivos da Sociedade Amigos de Brusque.

- De forma epidêmica grassa a disenteria na Colônia, falecendo diariamente pessoas atacadas pelo mal, que ataca, principalmente, colonos de origem italiana, recém-chegados. O Diretor interino solicitou, em caráter urgente, mais um farmacêutico, pois o médico sozinho, não tem condições e recursos para debelar a doença. O livro de óbitos da igreja católica local registrou nos meses de janeiro e fevereiro a morte de 62 crianças.

- Solicita o Diretor interino Maximiliano Borrowsky, ao Presidente da Província, um auxílio à parteira Maria Conzi, diplomada pela Academia de Roveredo, Tyrol, auxílio este destinado à compra de um cavalo, que lhe possibilite transporte mais eficiente, para melhor atender parturientes residentes no interior das duas Colônias.

- É nomeado diretor das Colônias Itajahy (Brusque) e Príncipe Dom Pedro, em substituição a Luiz Betin Paes Leme, o Bacharel Olympio Adolfo de Souza Pitanga, que assumiu o cargo no dia 22. Alguns anos depois, Pitanga iria exercer a alta função de Presidente da Província de Santa Catarina.

- Borrowsky, de conformidade com o officio nº 1, passa às mãos do Governo Provincial, relação das dívidas dos colonos franceses e italianos estabelecidos nestas Colônias.

- Olympio A. de Souza Pitanga, recém empossado no cargo de Diretor, solicita ao Governo mais 3 agrimensores para auxiliarem outros 3 já em serviço. Justifica seu pedido face o grande número de colonos que aguardam a legalização de seus lotes coloniais, cuja demora implica em grandes despesas para a administração.

- Assinado por 19 colonos alemães, a Diretoria Colonial encaminha ao Governo Provincial requerimento no qual solicitam trabalho, por alguns meses, em estradas e picadas. Referem-se à penúria em que se encontram, consequência das fortes geadas caídas no inverno passado, que danificaram suas plantações.

M A R Ç O - Giuseppe Mafei, colono italiano, dirige um officio "súplica", ao Presidente da Província, solicitando o seu repariamento e de seus familiares. Alega achar-se seguidamente enfermo em face das más condições climatéricas.

- As despesas previstas para abril desse ano, nas duas Colônias atingem a Rs 34:308\$333.

- É contratado o médico Dr. Pedro Gomes de Argolo Ferrão, para desempenhar sua profissão nas duas Colônias, com ordenado mensal de 1 (um) conto de réis.

M A I O - O Diretor Pitanga determina instruções para distribuição de prêmios aos produtores de fumo nas exposições anuais que se realizam nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro. No total são 8 prêmios, sendo o primeiro de Rs 500\$000 ao colono cuja produção atinja 5.000 quilos ou mais.

- O colono Frederico Greite mata, com um tiro de espingarda, André Baier. O crime verificou-se na própria casa de Greite. Processo nos arquivos da S. A. B.

SETEMBRO - Assume temporariamente a direção das Colônias o ajudante do titular, Antonio Thomé da Silva.

NOVEMBRO - É festivamente recebido nas Colônias o Presidente da Província de Santa Catarina, Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay.

- Segundo o relatório da Administração, em 1876 a situação estatística das Colônias Itajahy (Brusque) e Príncipe Dom Pedro, era a seguinte:

Território: 15 léguas em quadrado.

População: 8.110 habitantes, sendo 4.862 homens e 3.248 mulheres, das seguintes nacionalidades:

Alemães	2.620
Austriacos*.	2.214
Belgas	7
Espanhois	25
Italianos	2.018
Inglezes	36
Portugueses	18
Brasileiros	996
Outras Nacionalidades	154

* Denominação dada aos imigrantes vindos do norte da Itália, Tyrol.

Lotes medidos e distribuídos: 1.736 lotes.

Estradas de Rodagem . . . : 248 quilômetros

Caminhos para Cargueiros : 148 quilômetros

Estradas e Caminhos em

Construção : 252 quilômetros

Nº de Edifícios, casa e

ranchos : 1.747

Escolas : 14, 2 públicas e 12 particulares

Nº de alunos nas escolas . : 448 crianças

Casas de Negócio . . . , : 14

Fábricas e Engenhos . . . : 28 com 244 trabalhadores

Principais cultivos . . . : fumo, cana e mandioca

A produção foi consumida nas Colônias, exceto aproximadamente 5.000 quilos de fumo, que foram exportados.

Transporte: feito em carroças e lanchas.

Carros e carroças: 90 de duas rodas

54 de 4 rodas.

Animais: 560 animais são aproveitados no transporte em geral.

Há ainda estradas para Tijucas e Itajaí. O mercado mais procurado é o de Itajaí, que oferece comunicação por estrada e pelo rio, através de lanchas.

ADMINISTRAÇÃO EM 1876

Dr. Olympio A. de Souza Pitanga	- Diretor
Antonio T. da Silva	- Ajudante
M. von Borrowsky	- Guarda-livros
Dr. Julio Parigot	- Médico
Padre Alberto Gattone e	
Francisco Cizek	- Capelães
Padre Alberto Gattone	- Professor Público
Henrique Sandrescky	- Pastor Evangélico
Paulo Schwartzer	- Inspetor de Estradas
Joaquim Caetano da Silva	- Farmacêutico



A Estância das Araucárias

Evaldo Trierweiler

(Continuação do número anterior)

Vi movimentos de quem ia fugindo. Percebi também que ninguém estava vendo, ocupados como estavam em acompanhar os acontecimentos e ver se alguém aparecia, apontei a arma e quando por um instante apareceu a descoberto apertei o gatilho e foi um tombo. Marcos também veio para junto da filha. Muito sério diante do que presenciara, limitou-se a pegar-lhe a mão e passar a outra nos cabelos. Não pronunciou palavra.

Carlito e Felício já arrastavam o primeiro cadáver. Nestor e Marcos apressaram-se a auxiliar. Terminado esse mister, chegaram os homens com pás e picaretas e mais outros que acorreram. Todos ajudaram e em breve a vala comum estava suficientemente funda para receber os infelizes, vítimas de sua crueldade. Marcos condoído por essa carnificina rezou um pai-nosso pelas almas dos desafortunados inimigos, ao que todos acompanharam e os que não sabiam rezar murmuraram qualquer coisa parecida. Depois Marcos fez o sinal da cruz que alguns imitaram com um esgare. Estava finda a cerimônia. Cabrijo pagara em parte os seus crimes.

x x x

Marcos agradeceu a Carlito e seus homens a ajuda.

— O camarada nada tem a agradecê. Eles tinham de pagá pelo que fizeram. Até agora nada sabemos do que fizeram com nossas muié e com nossos fio e fia.

— Todo o favor merece um agradecimento. É digno de reconhecimento por parte de quem o recebe. Se algum precisar de ajuda e estiver ao meu alcance será como hoje, que o amigo e seus homens ajudaram a liquidar um famoso bandido.

— É coisa que não se pode desprezá. Ninguém pode dizê: "Dessa água não beberei", ensinava meu saudoso pai que Deus tenha em bom lugar, disse tirando respeitosamente o chapéu. Talvez nossos caminho um dia se cruza e eu posso percisá de vassuncê assim como nós hoje perciso um do outro. Quem sabe?

Entrementes os homens de Carlito voltaram depois de haver soldado os cavalos dos bandoleiros. Alguns tinham ficado terminando de fechar a sepultura.

— Deixemo tudo ispaiado pelos campo. Achamo um pouco de dinheiro numa bruaca. Como estamo de partida foi só isso que trouxemo e mostrou um peitoral com argolas de prata, fruto do roubo de alguma fazenda e os "arame".

Miguel da Silvana um dos homens de Carlito falou:

— O que admira é que o Cabrijo não segurou o Nestor e o so Marcos. Apois ele fez isso tantas vezes, chegava nas fazendas e fazia a chibata cortar o couro dos fazendero no reduto. Não foi isso que o Janga Vasconcelos contou. Foi dos únicos que conseguiu fugir. Ele provou o "marmelero". Recebeu nove guascaços que descascaram os ossos e ainda lavaram as feridas com salmora.

— Pros diabos! exclamou outro.

— Ele foi gozá a muié dos outro no inferno, comentou um "cara encardida". Bicho ruim! Ontem ele liquidou os meus, hoje ele descansa no reino de Plutão.

— Esquenta as cardeira do Pedro Botelho, atalhou outro.

— Deve sê um tição que arde bem, concluiu um terceiro.

Nestor nada dizia. Lamentava em segredo a inutilidade de tanto morticínio, inglório, à toa. Por certo era bem diferente do que pregara o profeta.

Sob um céu azul, onde corriam nuvens brancas, que o sol dou-raria em breve em sua viagem para o ocaso, ele se achava com seus amigos diante de uma sepultura que acabava de receber seis corpos de malfeitores.

Melancólica brisa punha movimentos de despedida nas folhas das plantas rasteiras. Um dos homens de Carlito trouxe uma cruz, cujo braço fora amarrado com cipó e fincou-a na terra recém-revolvida. Fora este o último ato do drama sangrento.

Carlito olhando de esquelha para a sepultura falou:

— A nossa obrigação está feita. Nós vai s'imbora....

— Quanto devemos pela ajuda, interveio Nestor.

— Vassuncês não deve nada, nem a mim nem a meus homens. Estamo vingado. Resta sabê como vamo tirá nossas muié e fia do reduto. Nós chega até lá. Se fô impossible nós vamo para o Rio Grande começá vida nova. Até a vorta, disse estendendo a mão para todos. O mesmo fizeram seus homens. Elisa ficou olhando por algum tempo os homens que desapareciam um por um ao longo do caminho.

Felicio trouxera os cavalos. Apertaram as cinchas e dispuseram-se a partir. O Tordilho encostou num barranco e Elisa num salto gracioso ganhou o selim. O grupo partiu e pouco a pouco foi descendo o crepúsculo da tarde. Ainda sob o peso do acontecido, cada um seguia abismado na própria cisma.

Tarde da noite chegaram ao pouso. O súbito gargalhar de uma coruja provocou arrepios na espinha de Elisa. Ela encolheu-se toda no selim. Os homens limitaram-se a olhar a ave noturna com a pachorra do caboclo que não teme o perigo. Desarreiraram os cavalos, eles não iriam longe o cincerro os denunciaria. Mesmo no escuro conseguiram grimpas de pinheiro e dentro em pouco a fogueira ardia, dando lume para buscar

água num córrego que deslizava a poucos passos dali. Mais tarde um delicioso café com passoca deliciava a turma faminta.

Nestor conhecia um morador dessa região a pouca distância do pouso, para lá encaminhou Elisa e Felício e voltou junto à fogueira com Marcos. Prepararam um chimarrão e se interrogavam.

— Que vão fazer os homens do reduto, ao se inteirarem do acontecido?

— Vai haver vingança sangrenta se descobrirem, respondeu Nestor, fitando a escuridão. Se souberem que fui eu que consideram um renegado e me descobrirem a estância sou um homem perseguido, morto não digo, porque conheço suas manhas.

Marcos recebeu a cuia da mão de Nestor, renovou-a com água fervente e dando uma chuchada voltou-se para Nestor e falou:

— Não seria melhor deixar tudo e mudar para outro lugar?

Nestor ficou sério, fitou por algum tempo o fogo que se apagava, ajeitou os tições nervosamente para retrucar:

— Já me ocorreu essa idéia, depois de tantas canseiras, depois de conseguir levantar do nada o que hoje se ergue lá... Os homens... Não. De uma hora para outra tudo pode mudar. Acho que é melhor ficar. Devo ficar...

Marcos nada disse, apenas renovou a cuia com água e ofereceu a Nestor, que ficou observando o trabalho de Marcos em acertar os pelegos e lombilho para um sono reparador. Pondo de lado a cuia dispôs-se a seguir o exemplo. Cobriram-se com palas e tapa-misérias, mantas também chamadas "tomara que amanheça". Pouco depois adormeceram na solidão daquele mundão perdido.

x x x

Cedinho acharam os cavalos pastando não longe dali. Nestor buscou Elisa e Felício. Tomaram café feito na chocolateira e pouco depois rumavam para a etapa final da sobressaltada viagem.

Nestor viajava acabrunhado. O acontecido lhe era indiferente. As conseqüências eram imprevisíveis. Pouco depois da meia tarde daquele dia tão cheio de recordações horríveis, alcançaram a Estância das Araucárias. Os pinheiros quais austeros monjes receberam-nos na entrada. Elisa uma vez na estância cavalgava ao lado de Nestor. Depois de mais hora de marcha foram recebidos pela canzoada. Totó pulou para os arreios e foi aparado por Nestor, para receber as carícias de boas vindas. Era o cãozinho de estimação. Nero estranhou que Nestor não apeasse para receber os afagos e por isso saltava alto e Nestor ia lhe dando uns carinhos. Daí a pouco toda canzoada estava em volta dos cavalos. Depois todos correram para a fazenda.

Na porta esperava-os a preta Bertulina. Ela recebeu Elisa nos braços ao aprear do cavalo. Um peão que acorreu desencilhou os animais. Dentro em pouco chegou o Neco Batista. Vinha de cenho carregado. Mau sinal.

Cumprimentaram-se e Nestor chamando-o à parte inteirou-se do acontecido. Ele instruíra os peões de sorte que houvesse sempre alguém de atalaia. Qualquer perigo seria denunciado com um tiro. Como a estância era enorme, havia vários alerta. Por este modo evitaram um ataque de índios. Os "piquetes" arrebanhadores de fazendeiros, peões e gado lhe eram conhecidos e ele os esperava de um dia para outro. Seus homens e os eram em bom número se achavam sempre trabalhando e colocados de modo que ao ecoar o primeiro tiro, os atacados eram socorridos pelos demais. Todos tinham ordens expressas de largar o trabalho e correr em socorro dos ameaçados.

Exigia tenacidade. Acostumados ao perigo enfrentavam-no com a coragem do desespero, pois cada um estava informado por fugitivos do inferno de vida que se desfrutava nos redutos. Ainda mais agora que, segundo constava, estavam cercados e já não podiam deixar o reduto para roubar e prender. Ninguém queria saber daquele paraíso, onde se rezava de manhã e de tarde, onde havia procissões, mas se matava, torturava, trucidava sem piedade. Pessoa alguma do reduto tinha o direito de queixar-se. Deodato e outros chefes eram irredutíveis. Certa ocasião, quando a fome já se tornara um espectro e a ração diária não alimentava mais os estômagos famintos. Deodato ordenou a matança de um boi. Crianças e mulheres correram a aparar o sangue, tal era a fome. O cruel homem montou a cavalo e passou por cima de mulheres e crianças esqueléticas. Algumas morreram esmagadas sob as patas do pesado animal e cavaleiro. Todos tiveram de calar-se, nem choro se devia ouvir. A desolação total reinava no reduto e fora o cerco de ferro das tropas.

Por arte não sei de que ou de quem não se sabe, um "piquete" conseguiu furar o cerco e apresentou-se estropiado na fazenda.

— Fizemos o que você mandou. Um peão deu um tiro e o grupo mandou que os peões desmontassem, no que foram obedecidos. Os que ouviram o tiro caíram por cima pelas costas. Fugiram, deixando dois mortos e um peão dos nossos levou um tiro no ombro. Acha-se acamado com febre. A bala saiu, varando por baixo da clavícula.

— Vou vê-lo depois. Isto é mau. Eles voltam. Conhecem agora nossa tática. Avise os peões para não se deixarem enganar com tiros. Que eles sempre saibam onde está o atalaia. Por fim tranqüilizou o capataz achando que jamais voltariam.

Contou o que acontecera em viagem. A coragem da moça. O sangue frio de Carlito e seus homens. O enterro e as consequências que virão.

x x x

Elisa correrá a casa e arredores em companhia de Bertulina que agora preparava a ceia e não cabia em si de contente por estar ali nesse lar acolhedor. Chegando junto de Nestor, cumprimentou Neco Batista.

Nestor a título de apresentação disse apenas: É o capataz.

Então era verdade o que a preta Bertulina lhe dissera que Marcos tinha uma filha muito linda e que ela, por certo, seria a futura dona da fazenda. Sem cerimônia mudou de conversa dizendo:

— A Barrozinha tem bicheira.

— Ora! chame o benzedor.

— Que benzedô! Deixei de chamá ele, pru modeque aprendi eu mermo a matá os bicho. Já é do tempo dos afonsinho o jeito de matá os bicho contando de “dezoito morreu um ficou dezassete e assim por diante até morreu um ficou nenhum.

— Como é então?

— Pega-se um fiapo de capim e fais-se uma laçada. Por dentro da laçada se oia a bicharama e olhano fecha-se o nó. Fechado o nó cai tudo morto.

— Isso eu quero ver, disse Nestor incrédulo.

— Também eu, disse Elisa.

Foram a mangueira onde estava a Barrozinha com bicheira aberta no lombo. Neco arrancou um colmo ao acaso e subindo nos rachões da mangueira para ver melhor, operou o estratagemma e a bicharada debulhou, morrendo.

— Incrível, exclamou Nestor, só creio porque vi.

— Ora veja só, disse Elisa, nós matamos os bicho com Creolina e olhe lá. E ficou tirando um tempo da ferida agora isenta de bichos.

— Isso é pru bem, dona. Mas hai pessoa que só trabaia pru mali. Eu li conto um “causo” que assucedeu lá pras bandas onde me criei.

— Fica pra outra vez, falou Nestor.

— Mas não fica por esquecido, advertiu Elisa.

Dali passaram à ceia e Elisa começou o governo da casa, preparando camas e dando outras providências como verdadeira dona de casa. Nestor acompanhou-lhe os passos com imensa satisfação. Ele não se enganara. Nos três dias que ali passou deixou marcas do que seria quando realmente assumisse o controle da casa. Quem a queria demais... demais era a preta Bertulina. Almas gêmeas no entender e acordar, apenas diferentes na cor da pele e na idade.

C A P Í T U L O X I I

Após a ceia Nestor sentou-se na vasta sala e os peões vieram cumprimentá-lo e prostrar. Ele narrou o acontecido e os homens ficaram mais cheios de respeito para com aquele homem que levantando uma fazenda do nada os levava à prosperidade. Sempre que alguém procedia mal, chamava-o com bons modos e o corrigia. Por outro lado se houvesse algum feito extraordinário não regateava aplausos e encorajamento. Em casos de

doenças tinha pelos empregados cuidados paternais. O modo de tratar em face do que se conhece hoje era rude, contudo havia tratamento. Supria as famílias com carne, milho, farinha de milho, e zelava para que nada lhes faltasse. No início esse programa teve muitas falhas, sempre de novo voltava a segui-lo até que a fortuna lhe sorriu e nunca mais falhou. Dos seus homens nenhum ignorava o profundo conceito que gozava na redondeza.

Acabava de tecer considerações sobre a estranha atitude de Cabrijo.

— Era a hora dele. Macaco quando quê se perdê faz bestera. O cabra da peste já tinha feito demais, foi errã pra chega mais ligeiro a hora dele e dos fanático, interveio um dos peães.

— Esteja certo disso, patrão, o siô escapô barato. O animá não era de meias medida, com ele era na bala e na judiação, acrescentou outro.

— Apois nós não stamo livre desses animá do inferno. A canaia tai.

Estavam nessa conversa, quando apareceu Elisa. Foi como se aparecesse uma deusa. Todos se calaram. Mulher na estância era coisa rara. Ela cumprimentou a todos, pelo que ficaram sensibilizados e lhe fizeram algumas perguntas que ela respondeu com firmeza e desenvoltura.

— São esses os homens a quem devo a fortuna que possuo, exclamou Nestor.

— Por causo dele hoje nós tá bem, admitiu um peão.

— Eu vim fugido dos jagunço e estava sem roupa e com fome. Ele me disse que tinha serviço si eu queria trabaiá. Nunca mais fartou nada, dona.

— Fiz o qualquer um fazia ao se ver correspondido. Os que aqui vieram e não quiseram ficar na linha foram despedidos, nada de mais no que lhes dei.

Nestor estava feliz no meio de seus homens. Elisa sentou-se ao lado dele e com os olhos procurou o Neco Batista. Nesse momento ele conversava com Marcos. Felício cansado da viagem fora dormir.

Neco com o rabo dos olhos percebeu que Elisa procurava alguém e voltando-se para ela, olhou-a fixamente:

— Farta alguma coisa, dona?

— Falta, retrucou Elisa, falta o "causo" que ia contar lá na mangueira.

— A dona não esquece, disse lisonjeado.

— E é pra esquecer?

— Já que a dona manda, vou contã. E narrou que morando para as nabas do Lajeado o Maneco um amigo seu tinha permissão de criar umas reses na terra de um rico proprietário de faxinal. Junto à casa da fazenda situava-se uma casa de negócio. A dona dessa venda uma megera último tipo desejava comprar uma novilha. Para tanto ia vendo as que apareciam

por perto. Um dia, não sei por que arte do capeta sua vista caiu sobre uma bela novilha pintada e encanzinou-se por ela. Julgando que a mesma pertencesse ao fazendeiro disse:

— Olhe é aquela novilha lá que eu quero comprar.

O fazendeiro, homem sério em seus negócios, encarou-a e foi dizendo:

— Não dona, essa eu não lhe posso vender.

— Ora! mais praquê? Praquê essa não é de venda, siô? indagou com despeito.

— Essa é do seu Maneco, um artifice que cria gado na minha fazenda.

— Ah! mais não pode sê, exclamou duvidando.

— Pode, dona, é só oíhar a marca. A minha novilha pintada é aquela que vem lá da banda do ribeirão. Quem sabe a senhora se enganou.

A novilha foi se aproximando e a megera ao vê-la gritou:

— Não, não é essa não, é mesmo aquela ali.

— Nada posso fazer, não é minha e não sendo meu...

— Se não for essa outra não quero.

Com efeito a outra era bem menor, portanto menos vistosa. Em suma a que ela queria estava agora na mangueira e olhava os dois sem compreender que sua vida estava em jogo. Era essa e só essa servia.

— Mais ele tem de me vender a novilha. Faço questão.

— A senhora fale com ele. Creio que não está interessado. Tem família grande e é a primeira novilha que dará cria. A família está sem leite.

— Mais tem de vender.

— Então fale com ele, se vender... tá bom! tá bom!

Naquela mesma noite a megera apareceu na casa do Maneco e ofereceu-lhe duzentos mil reis pela novilha, a pintada. Maneco de entrada falou que não tinha gado para vender.

— Mais o siô vai me vendê a novilha.

— Dona, se a senhora qué sê minha amiga, não falemo mais nisso. Caso enterrado. Vamos conversá sobre outro assunto. Nada tenho para vendê.

— Tem sim. A novilha pintada é sua eu vi a marca e quero comprar. O siô tem de me vendê a novilha, continuou a atentada mulher, acosada por uma dúzia pelo menos de capetas. Não desistiu, insistiu.

— A novilha não é de negócio, preciso de leite para a família, mas se tenho de vendê o preço é duzentos e cinqüenta mil réis, menos

nem um tostão.

— Ah! isso é que não pegue os duzentos mil réis e está pago o animal.

— É boa essa, disse o Maneco, a senhora entra na minha casa pra comprá o que eu não quero vendê e por riba inda é a senhora que faz o preço. Essa é de cozer pulga com o calor do lençol. Parece maluca. Em sua casa de negócio é o freguês que faz o preço? Diga dona, seja franca, é o freguês que faz o preço nas fazenda que você traz da cidade?

— A megera encarou o Maneco como quem diz: Você está querendo me engasopar e com uma cara de poucos amigos, chegou bem prá perto do Maneco falou com raiva:

— Não desconverse, seu Maneco. 200\$000 réis é muito dinheiro e eu fico com a novilha. Tirou a cédula da carteira e a pôs em cima da mesa.

Maneco não se deu por achado, achou um desaforo a mulher vir a sua casa e fazer preço na sua mercadoria. Ele não era jagunço, era pacato, se não o caso teria saído pelo outro lado. Isto é ela teria deixado a vida ali mesmo.

— Chega mais 50\$000 réis e me desfaço da novilha. Pode levá já que não quê compreendê as nossa necessidade. Tenho fio pequeno que percisa de leite.

Nada convenceu a encanzinada mulher, que continuou insistindo nos 200\$000 réis.

Ela vendo que nada conseguia com o marido apelou para a mulher, que por sua vez também estava contra a venda da novilha sabendo como esperavam o dia em que tivessem novamente o leite para alimento da petizada.

Essa persistência da mulher continuou até as duas horas da madrugada.

— Fica com o dinheiro. Amanhã seu marido estará contente porque fez um ótimo negócio. Levava o dinheiro à mão da mulher, que por sua vez o não recebia. Naturalmente ficou ao lado do marido. Bem sabia o que representava a novilha leiteira para a família.

Como dizia, até as duas horas da madrugada esse "pedaço do tnhoso" trabalhou, teimou, tentou. Vendo inútil todo o esforço. Não querendo ceder. Impossível dobrar o homem. Despediu-se e advertiu:

— O siô não me vendeu a novilha, também não terá sorte com ela. Ela saiu fula de raiva, batendo os pés no chão, que sofria, alheio às suas iras, a noite escura do sertão. Nos galinheiros algum galináceo avisado anunciava o novo dia.

Dias depois a novilha deu cria e os peães da fazenda, como de costume trouxeram a vaca e o bezerro para a mangueira. Até aí tudo bem.

O fazendeiro mandou avisar o seu Maneco que morava distante uns três quilômetros. O dia estava magnífico. Um sol de primavera iluminava os campos e matos do grande sertão. Maneco ao chegar a uns 50 metros do local, ao que parece a novilha o pressentiu. Ergueu a cauda e... - coisa nunca vista - saltou a cerca da mangueira de cerca de 2 metros de altura. O mesmo fez o bezerro que parecia ter asas nos pés. Os peões se bem que admirados, saíram ao encalço, laçaram-na e começou o calvário para levá-la para casa. O bezerro um peão carregou-o até a estrebaria. A novilha atirava-se ao chão. Quebraram-lhe a cauda. Destroncaram-na tantas vezes quantas juntas havia. Saindo então do campo, tinha de atravessar um capão. Arremessava-se atrás das árvores e não havia quem a tirasse dali. Nada resolvia, nem carinhos, nem bordoadas. Recorreram ao fogo. Acenderam fachos de grimpas de pinheiro e levaram-nos debaixo das ventas. Ela então arrancava-se detrás desta árvore para atirar-se atrás de outra. Se estava na esquerda atirava-se atrás de árvore a direita ou vice-versa. Um trabalho que normalmente era feito em meia-hora se tanto custou a seis ou oito homens cinco horas de aturado labor. O último trecho ela o fez de arrasto na cincha dos cavalos. Ameaçando sempre fugir, ela na estrebaria ficou estaqueada e ligada por dois laços. Para tirar o leite escoiceava tanto que lhe amarraram um pé. Mesmo assim ainda conseguiu quebrar uma leiteira. Quando finalmente foi possível a ordenha, viu-se em vez de leite sangue vivo. Julgou-se a princípio que fosse devido aos maus tratos. E talvez fosse.

No dia seguinte, pela manhã, saíram para tirar leite o Maneco e Noemi, sua esposa. Soltaram o bezerro que foi apoiado, mas ao chegar a vez da ordenha, a novilha deu um berro horrível. Arrancou para trás, rebentou os dois laços, jogou-se para frente saltou por cima da cocheira, correu em direção a estrada e como a porteira estivesse fechada saltou por cima, ganhou a estrada e de lá o mato. Escafedeu-se.

Isso fez uma novilha que os peões do fazendeiro traziam para a casa do Maneco apenas estendendo a mão como a dar sal.

— Hai munta mardade, dona. Mas não parou aí, continuou ele. Um mês ou mais depois outra novilha a Negrinha apareceu com cria. O fazendeiro mandou avisar o Maneco.

Ele foi e quando ia passando em frente à casa da megera ouviu estas palavras:

— Com essa ele também não terá sorte.

Realmente, na ordenha em lugar de leite brotava sangue. No dia seguinte pela manhã, verificou-se o mesmo fenômeno e então apareceu o incrível - do bezerro nêdio e bonito começaram a sair pequenos bichos. Em pouco eram tal quantidade que o bezerro morreu. A novilha voltou ao campo e Maneco nunca mais a viu. Então ele dizia aos vizinhos:

— Apois já vi cria ruim no mundo mais igual aquela muiê, nunca vi nem quero vê.

Maneco vendeu a propriedade na Bela Vista, torrou o gado a qualquer preço e mudou-se para o Rio Grande e nem lá teve jamais sorte com gado. Mudou de ramo começando a negociar e só assim prosperou.

— Hai muita gente ruim. Essa muié é uma peste. Não murreu ainda. Vaso ruim não quebra. Mais o dia dela tomém chega!

Elisa e todos os peães haviam escutado a narrativa com toda atenção. Nestor olhou-o, incrédulo:

— Mas há tudo isso por esse velho mundo?

— Como hai os benzedô que faiz o bem, hai tomém os macumba que faiz o mar!

— Seja! Com esta nós vamos dormir, pois a viagem nos deixou moidos. Elisa despediu-se gentilmente.

Neco Batista, lá fora depois, falou aos peães. Eu não disse que por trás dessa história estava uma mulher bonita.

— Bonita mermo. Valeu a pena o carpicho dele, observou Sebastião Lourenço.

— Se valeu! Home! Bá noite! saudou Neco Batista.

— Bá noite! responderam todos e separaram-se.

C A P Í T U L O X I I I

Depois de três dias na estância decidiram voltar. Nestor combinou tudo com seu capataz. Desceria a Canoinhas para a compra das alianças. Separou algumas reses para corte. No dia apazado levantaram de madrugada e ao romper do dia já estavam a caminho. Ao chegarem ao local da sepultura de Cabrijo, que alcançaram no segundo dia, ficaram surpresos... Alguém levantara uma cruz de madeira trabalhada em substituição aquela deixada por eles. Quem se teria dado o trabalho de fazer essa obra de caridade? pensou Nestor. Todos se benzeram pois sabiam que aqueles que ali descansavam só haviam praticado o mal e fora com esta intenção que haviam deixado esta vida. Tinham recebido em parte o castigo merecido. A nova cruz era novidade que merecia investigação...

Sem dar mais importância, por ora, seguiram tropeando a boiada da qual Nestor vendia uma rês aqui e ali. Ao chegar à vila sobravam apenas algumas.

Elisa havia ficado na casa dos pais e Nestor levando a medida encarregou-se de comprar as alianças. À noite do terceiro dia, um sábado, festejaram o noivado. Foi uma cerimônia simples. Nestor tomou a mão daquela que se comprometera com ele e pôs-lhe a aliança no dedo. Ela

por sua vez, muito ruborizada, imitou-lhe o exemplo. Estavam noivos. Receberam os parabéns dos pais, dos irmãos de Elisa e mais parentes e conhecidos. Todos lhe desejavam felicidades, visto que a conheciam e a queriam muito bem.

Nestor por sua vez contentou-se em receber as felicitações dos amigos, conhecidos de bem pouco tempo, porque, pai, mãe e parentes se os havia, deles nunca tivera notícia. Soube muito mais tarde que seu pai e sua mãe tinham morrido, o que será assunto para outro capítulo. Mesmo assim ele se sentia sobremaneira feliz. Recordava agora em silêncio todos os sacrifícios dos últimos anos que haviam culminado com o venturoso evento.

Seguiu-se lauta ceia. Poucas vezes uma festa de noivado fora celebrada com tanta alegria e satisfação por parte de pais e convidados. Do rosto de Elisa sumira aquele ar de tristeza que lhe empanava o sorriso. Todos os seus movimentos traduziam a alegria que lhe ia na alma.

Depois da ceia retiraram-se para a varanda e conversaram ao luar claro de Bela Vista. Trocaram juras de amor. Elisa pediu que novamente cantasse a valsa da serenata. A valsa que a acordara para o amor, para a felicidade que agora fruía. Como da outra vez ali deixara o violão, não se fez de rogado. Tomou o instrumento, afinou-o com cuidado e preparou-se para cantar:

“Vem à janela, querida,

Ouve o meu etc , , ,

Os convidados, os pais os rodearam e quando Nestor terminou a canção, todos aplaudiram. Duas lágrimas de felicidade brilharam nos lindos olhos de Elisa. Nestor acercou-se da noiva e falou comovido:

— Não chore. A noite é de alegria. O choro destoa nossa felicidade...

— ... e responsabilidade perante o que há de vir.

— Isto não pode obscurecer a nossa alegria hoje. Gozemos a nossa felicidade. Saberemos vencer os dias sombrios, como gozamos os dias de sol. Nossa estrela brilha. Já vencemos alguns canalhas. Venceremos os outros também.

— Deixe-me dizer o que penso:

— Fale, que eu fico escutando.

— O dia de hoje não é só alegria unicamente. O casamento impõe responsabilidades. Existem tantos que ao chegar esse dia estão longe de saber o que significa o noivado. Essa ignorância da responsabilidade que vão assumir os leva mais tarde a discussões, brigas e finalmente à separação. O noivado é tempo para se pensar em tudo isso, procurar conhecer-se bem para que não haja dúvidas dentro do casamento. Sendo

assim o noivado prepara a vida do futuro casal. Para muitos é só prazer. A realidade em face da qual irão viver, para quantos não tem sido só sofrimento? Meus pensamentos voam para o meu futuro lar. A compreensão é o que espero de você e é também o que você espera de mim e muito mais de mim, pois foi por mim que trabalhou, lutou, sofreu...

— Você escolheu o dia para fazer sermão?

— Penso diferente. Se há alegria de um lado, por outro há que pensar um pouco além, a fim de que o futuro não nos arme surpresas, aliás sempre as haverá. Amanhã essa grande alegria passou e nós estamos diante da realidade.

Nestor mais sério agora continuou:

— A realidade nem sempre é agradável. Tantas vezes já desejei fugir de sua presença. Ela, porém, obrigou-me a enfrentá-la. Houve duelo de vida e morte. Até hoje venci. Voltemos a nossa felicidade. Vamos aproveitar hoje. Amanhã é sempre amanhã.

Destas conversas passaram às românticas e Nestor cantou mais algumas canções. Guardando o violão apresentou as despedidas e saiu.

Encontraram-se no domingo no terço rezado em casa particular, por não haver capela. O povo olhava com prazer para o feliz casal. Todos os queriam bem e vieram cumprimentar. E falavam as comadres:

— Apois morreu o cavalo pra bem do urubu.

— Ora essa! Pruquê?

— Ah! Você não viu. O namorado dela mataram para que viesse outro pra casa com ela. Mas isso tá na cara.

— Moça linda, não? Como se traja bem.

— Pudera o velho pode.

— É mas ela é sacudida. Trabalha muito. O pai tem prazer em apresentar bem.

— Nem é tão bonita assim, interveio uma terceira.

— Cruis! Credo! Se essa não fô bonita. Morra tudo o que lindo.

— Pois eu não acho.

Nisto chegou uma comadre dessas que não caíram em cima da boca e foi dizendo:

— Ela pensa que só ela é linda. Mais linda que Elisa precisa nascê. Só nasce uma em cada século. Digam o que quiserem: É um casal de metê inveja. E muitos pais têm uma ponta de ciúme de não poder tê um genro como o sô Marcos.

Elisa em sua felicidade pouco se preocupou com os comentários. Ela e o noivo tendo conversado com os conhecidos, voltou para casa. A tarde Nestor chegou para uma visita e também para combinar o casório. Este ficou marcado para dentro de três meses, com data a combinar.

Segunda-feira cedo Nestor preparou o cargueiro em que empalhará algumas Winchester e armado até os dentes partiu rumo à Estância. Tão logo chegou, recebeu os parabéns do pessoal. Seus vizinhos fazendeiros e amigos também ali estavam para trazer-lhe o abraço amigo.

Agradeceu a todos e na roda do chimarrão comentaram os últimos acontecimentos.

— Desde que essa raça de cachorro de bugre formou novo reduto em Caraguatá, nós estamos em risco de ser atacados. Não se sabe quando finalmente vai acabar esse suplício. Esta incerteza faz a gente ter vontade de mudar para outras bandas.

— Procuo defender-me até o último cartucho. Se tiver de ficar no campo da luta não será novidade. É de lá que vim, unicamente para lá não quero voltar e por isso me encontro aqui nessa soledade.

É tudo muito longe. Cada um tem de defender-se com suas próprias forças. Os vizinhos ficam sabendo quando o pessoal atacado já está marchando para o reduto.

— Béh! O diabo nessa história é que há os corné a favor dos jagunço e os que são contra eles. Talvez se fosse esse encosto eles não tava tão forte.

— Nada mió que um dia dispois do otro. O dia deles também chega. Atences teremo sussego.

— Alta hora da noite todos se despediram desejando muitas felicidades ao novel estancieiro. Embalado na felicidade, Nestor dormiu.

x x x

Nestor pelo caminho encontrara tropeiros, bandidos não. Apenas uma pessoa lhe parecera suspeita. Quando a encarou, aquela desviou o olhar. Cismando ao passo do cavalo, quem podia ser, chegou à conclusão de que só poderia ser um rastreador.

— Estão investigando quem matou o carniceiro Cabrijo. Uma onda de ira passou pelas faces de Nestor. Ele que não se achesse no meu caminho, pensou.

Como de costume nada disse aos seus homens e ficou aguardando os acontecimentos. Exigiu que seus homens ficassem alerta, porque o perigo era grande. Para tanto convidou-os nos dias subseqüentes para o exercício de tiro ao alvo. Entregou a cada um uma Winchester e passou a exercitá-los.

— Garanto para vocês que se formos atacados, mandaremos alguns cães para o inferno.

— O diabo bem que percisava de arguns, exclamou um peão.

Fizeram tiro ao alvo experimentando as armas. Logo aos primeiros tiros a turma pegou jeito e as balas atingiam o alvo. O estancieiro ficou satisfeito.

Por aqueles dias apresentou-se na Estância um “piquete” de jagunços. Um tiro reboou pelas quebradas. Era o sinal. Os peães reuniram-se. Receberam ordens do chefe do “piquete” para baixar as armas. Obedeceram. Era a tática que Nestor ensinara, enquanto esses obedeciam os outros ganhavam tempo para contra-atacar. Quando os jagunços se dispunham a desarmar os peães foram alvejados pelas costas pelos peães que vieram em socorro dos primeiros. Comandados por Neco Batista abriram fogo. Os jagunços vendo-se em maus lençóis trataram de safar-se. Na refrega deixaram dois mortos e muitos saíram feridos. Dos peães alguns receberam ferimentos nos braços e pernas. O mais ferido recebera uma bala no ombro. Os peães que atacaram a jagunçada pelas costas eram alvo difícil porque estavam deitados, razão porque dentre eles não houve feridos. Felizmente nesta escaramuça não houve baixas.

Os feridos foram tratados por Nestor, como jagunço sabia de que modo devia proceder. Os peães restantes cavaram uma sepultura e atiram nesta os dois cadáveres.

Nestor advertiu-os.

— Tenho certeza de que voltarão. Agora conhecem a tática. Atacarão por três lados. Conheço seus truques. Fiquem de olho nesses cães.

x x x

Entrementes as tropas do governo conseguiram desalojar os fanáticos defensores de Caraguatá. Sua resistência foi mais que heroísmo, nas condições de miséria em que se encontravam. Se havia miséria de alimentos, de munições estavam bem abastecidos. Caraguatá foi um desastre para as tropas que sem poderem penetrar no reduto deixaram ali 28 mortos sendo dois oficiais e alguns feridos sendo perseguidos ainda pelo fogo dos jagunços em sua retirada. Os jagunços forçados pela epidemia do tifo abandonaram Caraguatá para se fortificarem em Santa Maria, último reduto.

Os fanáticos deixaram postos avançados em Santo Antônio e sabedores da vinda de forças comandadas pelo General Mesquita, assim que estas forças atravessaram a ponte sobre o Timbozinho e se dividiram em duas para atingir a localidade de Santo Antônio, foram atacados de surpresa pelo inimigo emboscado. O próprio General Mesquita viu-se envolvido com seu Estado Maior.

Salvou a situação uma carga de baionetas determinada pelo comandante e dirigida pelos Tenentes Mena Gonçalves e Arnold Marques Mancebo. A façanha foi executada pelo 7º Regimento de Infantaria. Tiveram as tropas dois dias de descanso pois os fanáticos haviam-se dispersado deixando em campo 10 mortos. O Exército perdera 5 homens e três ficaram feridos.

Ao meio-dia de 18 de maio quando a tropa se preparava para retomar o avanço sobre Tamanduá os jagunços atacaram de surpresa o acampamento. Era um dia chuvoso, de cima das árvores, de dentro do mato, de trás das moitas partiam os tiros. Houve a princípio o pânico. A

tropa logo se recompôs. Morreram alguns soldados. O General Mesquita a falta de maiores recursos desiste da luta e dando por encerrada a sua missão devolve as tropas aos quartéis, para espanto geral de todos que esperavam fossem as tropas vitoriosas e terminasse finalmente a luta contra os fanáticos que todos esperavam ver destroçados.

Ficaram apenas uns duzentos homens sob o comando de Matos Costa. O Capitão procurou por meios ao seu alcance estar a par de toda a atividade dos fanáticos e ao mesmo tempo alcançar uma conciliação. Tudo foi inútil. Eles assaltaram várias fazendas. Atacaram a estação de Calmon e matando os funcionários a facção atearam fogo a Lumver.

Matos Costa atendeu ao chamado da estação de São João ameaçada e deslocou-se do Timbó com 60 homens. Todavia ao chegar a chacina tremenda já havia sido executada. O telegrafista e alguns turmeiros foram mortos pelo bárbaro sistema e poucos conseguiram escapar. As mulheres tiveram de servir de repasto ao bando de criminosos, ante os cadáveres de seus maridos. Era o banditismo às escâncaras.

Matos Costa embarca com seus soldados e dois sargentos e um médico. Em Nova Galícia encontrou já apavorados alguns fugitivos e mais adiante um homem fez sinal que os jagunços em número de seiscentos se encontravam nas imediações. A três km. de São João, Matos Costa desembarca com 40 homens e determina que o trem siga devagar. Sem esperar os jagunços atacam de todos os lados.

Quando Matos Costa quer se refugiar no trem este tinha desaparecido. Os homens apesar dos protestos do médico impeliram força à máquina para escapar a intensa fuzilaria que varava as matas. O fim de Matos Costa não se soube. Seu cadáver foi achado, varado de balas e sepultado pelo mesmo homem que o avisara da presença dos jagunços.

Matos Costa julgou que por ter em outros tempos conferenciado com os bandidos eles agora o poupariam em suas andanças em busca de conciliação e paz. Alguns de seus comandados foram, dias mais tarde, recolhidos por um trem de socorro, estavam famintos e exaustos.

Vieram reforços a Porto União de Curitiba e Ponta Grossa todavia a chacina estava consumada. Importava organizar agora a força ofensiva que devia por termo a inglória guerra. A expedição ficou a cargo do General Setembrino de Carvalho. Antes, porém, que desse início à campanha os fanáticos atacaram a Fazenda de Coronel Artur de Paula, matando o seu proprietário que se defendeu para não cair nas mãos daqueles malvados dentro do reduto onde sabia de ante-mão o que o esperava. Preferiu morrer lutando.

x x x

(Continua no próximo número)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente

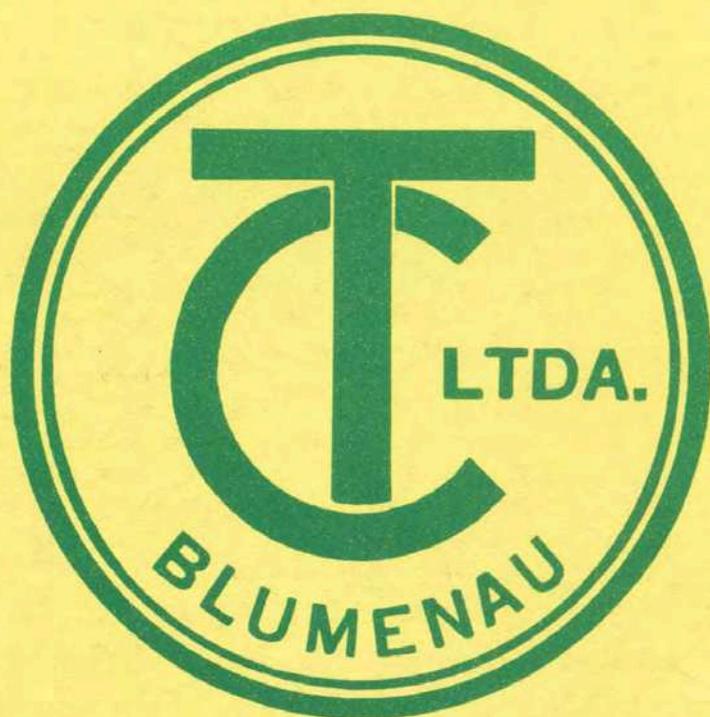
Edison Mueller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —

Isolde Hering d'Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A LIVRARIA DE SEU FILHO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 1422/24 - FONE 22-2627 - C.P. 651

INDÚSTRIA - RUA AMAZONAS, 1505/31 - FONE 22-3627 - GARCIA

BLUMENAU - STA. CATARINA